

XIX Jornadas do Núcleo do VIH da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna:

# Doença VIH, mais vida com qualidade

O Núcleo VIH da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna organizou, nos dias 25 e 26 de janeiro, as suas XIX Jornadas, evento subordinado ao tema Doença VIH, mais vida com qualidade, que decorreu na cidade de Beja, onde reuniu mais de 100 especialistas.

Estas jornadas, que tiveram como ponto de alto uma homenagem a Vítor Bezerra, contaram com diversas comunicações livres e discussões em torno de temas como Novas estratégias de rastreio, Família e doença VIH, Novos fármacos, novas abordagens, mais qualidade, Doença VIH e cura? E A doença VIH na 1ª pessoa.

Dependências esteve presente no evento, onde entrevistou o presidente das jornadas, Telo Faria.

## Telo Faria, Coordenador do Núcleo de Estudos da Doença VIH da SPMI



### A que principais objetivos se subordinou a realização destas jornadas?

As XIX Jornadas, como acontece com todas as que o Núcleo VIH da Medicina Interna organiza anualmente, correspondem a um período de discussão, de troca de experiências, de inovação e de muito convívio entre todos nós, médicos e outros técnicos de saúde que lidam com infeção VIH e hepatites virais. O programa, além de ser feito e participado com internistas e outras áreas, como a

pneumologia ou a infecciologia, também engloba as importantes áreas da saúde pública e dos cuidados primários de saúde e temos mesas que abrangem todas estas áreas. A última a que assistimos, subordinada às novas estratégias de rastreio, resulta num importante ponto de situação e de procura de novas ferramentas e pistas para a parte do rastreio. Focámos o historial das formas de rastreio e o que existe hoje de novo. Temos uma mesa dedicada à família e doença VIH que, no contexto atual, de doença crónica, em que as pessoas vivem tantos anos e tão bem, como outra pessoa qualquer não seropositiva, é importantíssimo pensar na família, daí que tenhamos temas como parentalidade e doença VIH, a procriação medicamente assistida e VIH e família em termos gerais. De tarde, teremos uma parte mais técnicas, sobre novos fármacos, novas abordagens e mais qualidade, com um convidado espanhol, o Dr. Luís Morano, professor da Faculdade de Vigo, que nos trará uma visão do futuro do VIH, além de outras colegas que nos falarão sobre o estado da arte atual na infeção VIH. No sábado, teremos a conferência Doença VIH e cura, em que o Professor Carlos Vasconcelos nos trará uma visão sobre as armas que temos à disposição para pensarmos, a médio prazo, na cura. Outra mesa dedicar-se-á à doença VIH na 1ª pessoa, em que se pretende colocar o protagonismo do lado da doença, isto é, daremos a palavra a quatro pessoas que não são técnicos de saúde mas estão intrinsecamente associadas à doença VIH, alguns dos quais dirigentes de ONG. Finalmente, teremos uma homenagem ao Dr. Vítor Bezerra.

**Se é verdade que, há uns anos atrás, um diagnóstico de VIH/Sida correspondia basicamente a um atestado de óbito a curto prazo, com o decorrer dos anos e o advento das novas terapêuticas, a doença tornou-se crónica e as pessoas adquiriram sobrevida e mantêm qualidade de vida. Mas este não será um risco para algum desleixo, nomeadamente em termos de comportamentos e de prevenção?**

Nunca houve, na história da Medicina, uma patologia que passasse do estado de doença mortal a doença crónica, como esta, num espaço de 30 anos. Mas existe outra questão que também convém alertar: apesar de todos os avanços que houve na parte técnica, continua a ser difícil de debelar e ultrapassar a discriminação e a estigmatização da doença. Percebo o que quer dizer com isso... Com a visão atual do VIH como doença crónica, como o é a hipertensão ou a diabetes, po-





derá haver algum facilitismo ou desleixo por parte dos utentes e da população em geral. É uma situação que temos que combater com literacia, com formação e com esclarecimento.

**Como está atualmente o diagnóstico em Portugal? Alguns falam em população subdiagnosticada... como se dizia há pouco, surgem muitos casos que se revelavam assintomáticos...**

A doença tem um período assintomático de 10 a 12 anos e, entretanto, a população infetada irá transmitir a infeção sempre que tiver comportamentos de risco. Agora, os números que temos, embora algo diferentes de acordo com os estudos que se fazem, quer em Portugal, quer relacionado com a Europa, dizem-nos que estamos num patamar positivo. Temos mais de 90 por cento diagnosticados, cerca de 86 por cento em tratamento, dos quais cerca de 90 por cento com carga viral suprimida. Temos resultados menos bons na parte do diagnóstico tardio e em pessoas já com mais de 50 ou 60 anos.

**E como avalia a forma como o diagnóstico se encontra implementado no território?**

Penso que foi feito um grande esforço nos últimos dez anos, e embora tenhamos itens como os que referi e a própria incidência, que ainda é elevada em termos europeus, reduzimos muito a incidência. Houve algum apuramento das técnicas de rastreio e prevenção que deram os seus resultados, embora tenhamos que melhorar.

**E, se pensarmos na toxicodependência, de redução de riscos...**

Sim, de redução de riscos também. Aliás, a toxicodependência é um exemplo paradigmático e fantástico, nomeadamente através dos programas de metadona e de troca de seringas, que permitiram uma redução para 1,8 por cento, o que representa uma via quase ínfima de transmissão de VIH.



## Homenagem a Victor Bezerra

Um dos pontos altos das Jornadas realizou-se no segundo dia, com uma homenagem a Victor Bezerra.

O médico é um dos pioneiros no seguimento clínico destes doentes, ao criar, juntamente com os internistas Fausto Roxo e José Mina, a Consulta de Doenças Infecciosas do Hospital Distrital de Santarém, em 1993, à qual se seguiu, em 2005, o Hospital de Dia de Doenças Infecciosas.



**Parece ser mais fácil convencer um utilizador de drogas por via endovenosa trocar seringas do que um heterossexual a usar preservativo...**

Essa questão nunca me tinha sido colocada mas é pertinente... Se calhar, por razões de ordem cultural em que estamos inseridos, talvez seja mais complicado não haver comportamentos de risco, porque concorre com preconceitos e mitos relativamente à nossa sexualidade. Essa parte cultural e da mentalidade é sempre mais difícil de debelar.

**Relativamente às soluções farmacológicas, houve também uma evolução notória... Como as avalia atualmente?**

Houve, de facto, uma evolução muito grande. Temos hoje fármacos eficazes, muito bem toleráveis, com mínimos efeitos secundários, toma única diária... o que é fantástico!

**Será a cura uma utopia?**

É um dos temas que iremos abordar... Pelos dados de que dispomos, não se põe a médio prazo mas é uma questão que se coloca, provavelmente, daqui a uns anos, como acontece com outras doenças.

**Recordo que, há uns anos, alguns colegas seus me confidenciavam não ser fácil fazer investigação nesta área em Portugal... Como estamos atualmente nesse domínio?**

Penso que há uma melhoria nesse campo. Há vários exemplos na história da infeção VIH de contribuição, por exemplo, da Gulbenkian nesse campo e, portanto, também nessa área as coisas estão melhores.

